

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

D O

Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

IBECC

(Comissão Nacional da UNESCO)

Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, GB. - Brasil

MARTIN FIERO E MARTIN FIERRO

- Das Cantigas Fanfarronas à Poesia Gaúcha -

Comunicação feita à Comissão Nacional de Folclore pela
folclorista argentina Olga Fernandez Latour (Tradução
de Maria de Lourdes Borges Ribeiro)

Um dos gêneros mais interessantes do nosso folclore poético é o das cantigas fanfarronas. Trata-se, em geral, de romances crioulos, em quadras abcb, que, em lugar de relatar feitos relacionados com as guerras ou a política regional, como os que chamamos "históricos", narram episódios da vida de homens e mulheres comuns, tragédias cuja pintura realista em linguagem ingênua devem ter comovido o compatriota como hoje comovem o povo as notícias policiais.

Se buscarmos os temas populares que puderam inspirar nossos poemas gaúchos, achá-los-emos nestas cantigas.

Já don Juan Alfonso Carrizo, o grande mestre desaparecido, derivava os poemas gaúchos dos romances de guapos e valentões da Espanha dos séculos XVI e XVII (1). É nossa opinião que as cantigas crioulas de tema fanfarrão são o antecedente imediato e direto.

É claro que, enquanto estas cantigas são folclóricas, isto é, transmitidas em forma oral, anônimas e tradicionais, os poemas gaúchos se baseiam em uma convenção, pela qual um homem de letras faz falar a gaúchos na linguagem rústica de sua conversação comum. Mas o caráter de seus heróis, as lutas destes contra uma sociedade hostil que não os compreende e os abandona, as mortes que costumam causar, levados mais pela fatalidade que por seus maus sentimentos, recordam-nos o gaúcho Martín Fierro, o sargento Cruz, a Picardia.

Muito abundantes são as peças de poesia fanfarrona recolhidas da tradição oral. Alguns de seus heróis, que mudam segundo as regiões, são: Juan Isidro Cepeda, Félix Rodriguez, Bartolito, o gaúcho Pedro Millán, Julián Funes, Martín Diaz, Martín Fierro.

Diferentemente do que ocorre nos romances espanhóis de valentões, os protagonistas destas cantigas não são verdadeiros fanfarrões ou bambas, autores de façanhas descomunais, mas jovens que saem a divertir-se, gaúchos inocentes que caem em desgraça ante a justiça, presos políticos, desertores levados pelo desespero e pela miséria.

Suas aventuras são, em geral, "desgraças". Uma delas começa:

Al sonido 'e la guitarra
Al sonido 'e cinco cuerdas,
Voy a contar la desgracia
De Juan Isidro Cepeda.

E, como o protagonista resulta simpático ao gosto popular, depois do relato das peripécias que a fortuna lho depara, canta-se na despedida:

Señor.....
Tengaló por devoción,
Al probrecito ' e Cepeda
De rezarle una oración.

Estas cantigas, que, em muitos casos, não estão baseadas na ficção, mas em fatos reais da história popular, foram conhecidas entre o povo pelos nomes genéricos de "corrido" ou "corrida", "letra", "avería" e também "argumento", que é o que usa Hernandez no canto primeiro de sua obra, quando diz:

Me siento en el plan de un bajo
A cantar un argumento,
Como si soplara un viento
Hago tiritar los pastos,
Con oros, copas y bastos
Juega allí mi pensamiento.

Interessa-nos revelar aqui a existência de uma curiosa cantiga fanfarrona, ao que parece de data muito antiga. As três versões da mesma que possuímos extraímos-las dos arquivos da Encuesta Folklórica del Magisterio de 1921, que pertence atualmente ao Instituto Nacional de Filología y Folklore. Duas destas versões, procedentes de Catamarca, foram ditadas pelo próprio informante, D. Waldo Denett, e levam, respectivamente, os títulos de "Corrida Y Palomino" e "Martín Fiero". A outra, de La Rioja, foi ditada por D. Jenaro Gomez sob o título de "Historia de Martín Fiero y sus compañeros".

A versão riojana começa assim:

Em nombre de Dios comienzo
Esta desgracia pasó
El veinticuatro de agosto
de mil ochocientos dos.

Martín Fiero se levanta
Vestido de coronel,
Rodando por seis estancias
Inocente y sin saber.

Los dueños de esas estancias
Miles de personas (sic) decían:
- Que agarren estos malevos,
Ya estaban en agonía.

Martín Fiero les decía:
- Levantemos el carpetó (sic)
Yo no sé qué es lo que siento
En el centro de mi pecho.

Palomino les decía:
- Se me han trocado los aires
Yo no sé si son partidas
O soldados de Buenos Aires.

El muchacho les decía:
- En el morir no hay engaño,
Mientras Dios me diera vida,
No han de padecer, hermanos.

José Fruto les decia:
 - Mejor será que nos vamos,
 Nosotros no encontraremos
 A esos traidores tiranos.

Un lunes muy de mañana
 Se ha principiado este juego,
 Balas iban y venian
 Que daba temor y miedo.

Voltieron a José Fruto
 Y a Palomino quebraron
 Pero Palomino peliaba
 Mas que los que estaban sanos.

.....

No final desta versão, que está muito deteriorada e quase em prosa, os protagonistas são feitos prisioneiros e conduzidos diante da Vice-Rainha, que promete salvar a vida de Martín Fiero se se casar com ela. Ele, porém, só consente em casar-se se a Vice-Rainha salvar também seu companheiro. Ela diz não ter "valimiento como para libertar a los dos" e a cantiga conclui com as palavras da Vice-Rainha que, desconsolada:

Martín Fiero - le decia -
 Que mozo tan desgraciado !

 Mañana morirá ahorcado.

Quanto às versões catamarquenhas, também muito estropiadas e incompletas, apresentam algumas mudanças na atitude e na personalidade dos protagonistas, pois nelas Martín Fiero representa um papel menos nobre que naquela recolhida em La Rioja. Trata-se, todavia, da mesma cantiga. Uma das versões começa assim:

Un domingo de mañana
 Salieron de Portugal

 Martín Fiero gobernando,
 Vestido de coronel,
 Quitando el derecho a Dios,
 Matando con su poder.

Al otro día de mañana

 Se levanta Martín Fiero
 Y miró pa Buenos Aires.

-Ay! hermanos de mi vida,
 Se me han trocado los aires,
 Se me hace que son blandengues,
 Soldados de Buenos Aires.

Seguem-se os diálogos semelhantes aos da versão riojana, embora um tanto mais longos, e termina a cantiga com as seguintes estrofes:

Se presentan al Virrey
 Que a los guapos los han tomado,
 Les leyeron la sentencia
 Que habían de ser fusilados.

De allí salí la Virreina,
De compasión movida,
Pidiendo por el muchacho,
Que se le libre la vida.

El muchacho les decia,
Con ela valor de su pecho:
-Cómo me voy a librar tan sólo yo, (sic)
Cuando todos lo hemos hecho

Como se vê, trata-se de uma aventura pela campanha rioplatense, vivida por malandros ou valentões (a palavra "gaúcho" não figura na cantiga) e situada cronologicamente ainda em épocas de vice-reinado, com o que concorda muito bem a data de 1802.

Não uma, porém muitas são as incógnitas que nos apresenta esta curiosa cantiga. Entre outras coisas, que seria muito extenso expor aqui, e que se referem tanto ao texto quanto aos informantes, nos perguntamos: Que significa essa menção de Portugal? Que difusão terá tido a cantiga e em que época? Tê-la-á conhecido Hernandez, ou será apenas coincidência que uma cantiga fanfarrona tenha como protagonista um valentão ou malandro chamado Martín Fierro, e que a obra máxima da poesia gaúcha, compendio feito por um poeta letrado da essência desse tipo de cantigas, se chame "El gaúcho Martín Fierro"? Talvez sim.

De qualquer modo, se fixamos nossa atenção nesta cantiga e a transcrevemos parcialmente é porque resulta curioso o nome de seu protagonista e porque, além disso, não figura em nenhuma das grandes compilações de poesia popular argentina. Porém, na verdade, do ponto de vista de sua relação com os poemas gaúchos e especialmente com o Martín Fierro, outras resultariam mais ilustrativas.

Evidentemente, Hernandez, que viveu na campanha rioplatense e até nos estados do sul do Brasil, devia conhecer estas histórias em versos de desertores, proscritos e perseguidos. Nelas se reconhece essa mescla de protesto e resignação presente em sua poesia. O tema da fatalidade que leva à desgraça sem remédio, o do abandono do homem pela sociedade, o do companheirismo, o do abuso de autoridade, para não citar senão algumas das concordâncias existentes, situa o Martín Fierro na linha temática das cantigas fanfarronas que, difundidas pela tradição, circulavam entre o povo de sua época.

Quanto ao mais. Hernandez foi um artista. Seguiu a orientação das cantigas fanfarronas, manejou como ninguém o original estilo gaúcho, utilizou sua peculiar sextilha (2), misturou-as com quadras, romance monórrimo e décimas, chamou a seu personagem Martín Fierro... Seu gênio consistiu em uma extraordinária capacidade de síntese, que lhe permitiu tocar o coração do povo de sua época e realizar uma obra de valor universal.

- (1) Carrizo, Juan Alfonso (1895-1957). Veja-se especialmente "Antiguos cantos populares argentinos. Cancionero de Catamarca (1926)" e "El matonismo en alguns poetas del Rio de la Plata" na Revista de Educação (Março de 1958).
- (2) Como o indicou D. Ricardo Rojas, a sextilha do "Martín Fierro" não é senão uma décima à qual se suprimiu o quarteto inicial. Diante do problema de se Hernandez a inventou ou a tomou de formas pre-existentes, D. Juan Alfonso Carrizo assinalou a presença dessa sextilha na poesia popular dos estados do sul do Brasil.
